

**MESTRADO EM**  
ECONOMIA INTERNACIONAL E ESTUDOS EUROPEUS

**TRABALHO FINAL DE MESTRADO**  
DISSERTAÇÃO

INTERDEPENDÊNCIA ECONÓMICA E CONFLITO –O CASO  
DOS EUA E DA CHINA

POR: ISABEL MARIA RODRIGUES JARDIM

**ORIENTAÇÃO:**

PROFESSOR DOUTOR VÍTOR MAGRIÇO

FEVEREIRO - 2022

# ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
<b>1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO E REVISÃO DA LITERATURA</b>	<b>4</b>
1.1. Conceito de interdependência económica	4
1.2. A tese “(neo)realista”	7
1.3. A tese “liberal”	9
1.4. Fatores que influenciam a relação entre o comércio e o conflito	10
1.5. Guerras comerciais – Válvula de escape dos conflitos armados	14
<b>2. A POLÍTICA COMERCIAL DA ANTERIOR ADMINISTRAÇÃO AMERICANA</b>	<b>18</b>
2.1 Papel Americano no Sistema Internacional	18
2.2. Os Fundamentos	18
2.3. Unilateralismo	19
2.4. Protecionismo	21
2.4.1. Porquê a emergência da China é vista como uma ameaça	21
2.4.2. Guerra Comercial e as suas consequências	24
<b>3. APLICAÇÃO AOS PAÍSES DO G20</b>	<b>27</b>
3.1. Metodologia	27
3.2. Análise da evolução da interdependência económica estática	30
3.3. Análise da evolução da interdependência económica dinâmica	31
3.4. Análise dos impactos estimados da diminuição do comércio bilateral entre os Estados Unidos e a China	33
<b>4. CONCLUSÃO</b>	<b>38</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>41</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>43</b>
Anexo I – Cálculos efetuados para o ano 2000	43
Anexo II – Cálculos efetuados para o ano 2017	44
Anexo III - Cálculos efetuados para o ano 2019	45
Anexo IV – Resultados dos indicadores de interdependência	46
Anexo V – Matriz	47

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Evolução do indicador de interdependência económica estática – Exportações. ....	31
Gráfico 2. Evolução do indicador de interdependência económica dinâmica. Exportações. Elaboração e cálculos próprios com base em dados da COMTRADE .....	32
Gráfico 3. Efeitos Totais da Diminuição das importações - Cenário A .....	35
Gráfico 4. Efeitos Totais da Diminuição das exportações - Cenário A .....	35
Gráfico 5. Efeitos Totais da Diminuição das importações - Cenário B .....	37
Gráfico 6. Efeitos Totais da Diminuição das exportações -Cenário B .....	37

## **GLOSSÁRIO:**

ASEAN	<i>Association of South East Asian Nations</i>
CPTPP	<i>Comprehensive and Progressive Trans-Pacific Partnership</i>
EUA	Estados Unidos da América
FMI	Fundo Monetário Internacional
NAFTA	<i>North American Free Trade Association</i>
OTAN	Organização do tratado Atlântico Norte
PIB	Produto Interno Bruto
OMC	Organização Mundial de Comércio
TPP	<i>Trans-Pacific Partnership</i>
UE	União Europeia
USMCA	<i>United States-Mexico-Canada Agreement</i>

## Abstract

In recent years, China has asserted itself as a rising economic power, challenging the United States as the dominant world power. Considering this perceived threat, former president Donald Trump's Administration imposed tariffs on imports from various trade partners. This reaction was particularly incisive against China, initiating an unprecedented trade war in modern times and represented a shift in attitude by the American government regarding trade policy. This project thus has two main objectives. On the one hand, we aim to show that the trade war launched by the American government against China can be analyzed within the theoretical dichotomy between the neorealist and liberal theories of International Relations. Secondly, we aim to evaluate the potential impacts of this conflict on other countries, through direct and indirect effects of international trade, having G20 as a focus.

## Resumo

Nos últimos anos, a China apresentou-se como uma grande potência econômica em ascensão, desafiando os Estados Unidos enquanto potência mundial dominante. A reação da administração do presidente Trump, que impôs tarifas a variados parceiros comerciais, foi particularmente incisiva contra a China, dando início a uma guerra comercial sem precedentes nos tempos modernos e que representou uma mudança de atitude do governo americano em matéria de política comercial. O trabalho que aqui se apresenta tem um duplo objetivo. Por um lado, pretende-se mostrar que a guerra comercial desencadeada pelo governo americano contra a China pode ter uma leitura na dicotomia teórica entre a corrente neorrealista e a corrente liberal das relações internacionais. Por outro lado, pretendemos avaliar os potenciais impactos daquela guerra sobre países terceiros, por via dos efeitos diretos e indiretos ligados ao comércio internacional, tendo como objeto de estudo o comércio intra-G20.



## INTRODUÇÃO

Os países não são economicamente autossuficientes, necessitando de importar do estrangeiro produtos e serviços de modo a satisfazer as suas necessidades de consumo e de produção. O comércio internacional traz benefícios, mas leva à criação de interdependências, nem sempre vistas como positivas e frequentemente geradoras de conflitos, como aquela a que assistimos durante a presidência de Donald Trump e a concomitante mudança de atitude do governo americano em matéria de política comercial.

Devido ao seu poder económico, financeiro, militar e diplomático, os EUA constituem a atual potência mundial dominante, pelo que a decisão do seu presidente de tomar uma posição mais protecionista preocupou a comunidade internacional. A administração do presidente Trump impôs tarifas a variados parceiros comerciais, em particular contra a China, e apresentou preferência por acordos bilaterais ao invés dos acordos multilaterais existentes, numa estratégia de “*divide to conquer*”. Uma das grandes preocupações teve precisamente a ver com a guerra comercial lançada à China. A ascensão rápida da China e a sua passagem de economia produtora de produtos de baixo valor acrescentado para produtos de alta tecnologia tornou-a num dos grandes atores mundiais, a par dos EUA, e num dos maiores exportadores do mundo. A preocupação com a guerra comercial entre os Estados Unidos e a China, com um eventual conflito político entre estas nações, ou mesmo um conflito militar, e, sobretudo, com os efeitos que esses conflitos poderiam ter sobre as relações comerciais com outros países, por via indireta, justifica que se revise a velha questão da relação entre interdependência económica e conflito e se avalie em que medida o diferendo comercial EUA-China pode afetar países terceiros.

Enquanto atores supostamente racionais, os estados tentam sempre maximizar os benefícios e minimizar os custos das relações com terceiros. A busca por benefícios leva à competição e, dependendo dos interesses em jogo, pode levar à escolha entre *détente* e escalada de conflito, ou seja, naquilo que nos interessa para o objetivo deste trabalho, entre comércio livre e protecionismo. Esta escolha depende dos custos e benefícios que se obtêm da relação (Gasiorowski, 1986). Os atores podem ser levados a reagir quando são postos em posições vulneráveis em resultado da existência de interdependência assimétrica. Pode ter sido este o motivo que desencadeou a guerra comercial entre os EUA e a China.

Sob um ponto de vista teórico, a interdependência económica tem sido vista, basicamente, de duas maneiras antagónicas. Para os adeptos da corrente neorrealista, as relações comerciais criam vulnerabilidades, podendo levar ao conflito. Essas vulnerabilidades podem surgir não só da assimetria de relações, isto é, do valor económico dos bens transacionados, mas, também, e principalmente, da necessidade de proteger certos bens estratégicos, como é o caso da tecnologia. Já a perspetiva liberal vê as relações comerciais como um meio de evitar esse conflito dado que uma ação de força tem custos líquidos mais elevados à medida que a interdependência económica aumenta.

O objetivo deste trabalho é mostrar que a) a guerra comercial desencadeada pelo governo americano contra a China pode ter uma leitura (embora não seja a única leitura possível) na dicotomia teórica entre a corrente neorrealista e a corrente liberal das relações internacionais, e que b) os possíveis impactos daquela guerra se podem estender a países terceiros por via dos efeitos diretos e indiretos ligados ao comércio internacional. Deste modo, o trabalho apresenta, sob o ponto de vista da autora, duas contribuições importantes. Por um lado, adapta a controvérsia teórica entre a corrente



neorrealista e a corrente liberal das relações internacionais a um tipo diferente de conflito: o conflito comercial e económico em lugar do conflito militar. Por outro lado, apresenta uma metodologia empírica que permite distinguir entre efeitos diretos e efeitos indiretos ligados ao comércio com o objetivo de identificar os impactos que uma guerra comercial entre os EUA e a China pode ter sobre os fluxos comerciais de um grupo mais alargado de países: os países do G20.

O capítulo 1 explicita a relação entre a interdependência económica e o conflito, com recurso às Teorias das Relações Internacionais e teorias que ligam a interdependência ao conflito. O capítulo 2 procura delinear a estratégia protecionista da administração americana, especialmente em relação à China. No capítulo 3, parte-se de uma análise de indicadores de interdependência económica estática e dinâmica para calcular os efeitos sobre os fluxos comerciais intra-G20 derivados da guerra comercial entre os Estados Unidos e a China em dois cenários distintos.

## **1. Enquadramento Teórico e Revisão da Literatura**

Para melhor explicitar a relação entre a interdependência económica e o conflito, é primeiro necessário esclarecer o que se entende por interdependência e como diferentes estados reagem a diferentes situações de dependência. Relações comerciais entre países envolvem naturalmente custos e benefícios, sendo que, em certas situações, um estado pode beneficiar do comércio mais do que outro. A dependência económica, consoante o tipo de bem comercializado, pode levar o país do qual se depende a ter uma melhor posição negocial em certas matérias. Logo, entra-se num jogo de poder no qual a competição por recursos e pela maximização de poder pode levar os estados a escolher entre comércio livre e protecionismo.

Este capítulo pretende explicitar o que se entende por interdependência económica e como esta leva a diferentes comportamentos por parte dos atores estatais. Para tal, recorre-se às Teorias Realistas e Liberais das Relações Internacionais, que explicitam diferentes perspetivas em relação ao poder e interdependência de estados. Conforme a sua posição, a escolha entre comércio livre ou protecionismo vai ser feita de acordo com as pretensões políticas e económicas do país em questão.

### **1.1. Conceito de interdependência económica**

A interdependência económica é muito mais do que uma mera interação em termos de trocas comerciais e financeiras entre estados. Como tal, ao entrar no estudo da interdependência económica, surgem conceitos importantes como dependência económica, interconetividade, interdependência, sensibilidade e vulnerabilidade económica, que, mais adiante, se relacionam com as teorias que iremos apresentar. De acordo com Baldwin (1980), um dos principais problemas na análise da relação entre interdependência e poder deve-se à dificuldade na

conceitualização de dependência, criando controvérsia a nível académico. Exemplo disto é a confusão que muitas vezes existe entre os conceitos de interconetividade e interdependência.

Antes de avançar para a definição de interdependência, deve definir-se o conceito de dependência. A dependência pode ser descrita como uma situação onde algo é condicionado por outra coisa ou, como afirmam Keohane & Nye (1977, p.7), “o estado de ser determinado ou simplesmente afetado por forças externas”. Como tal, um estado economicamente dependente é afetado não só pelas trocas em si (exportações e importações), mas também pelos preços, políticas, etc. Já autores como Gasiorowski (1986) referem-se à interdependência como uma relação entre países que envolve custos e benefícios. É uma perspetiva prática pois considera que, se as interações que criam interdependência não fossem benéficas, os países podiam abdicar do comércio, evitando assim os custos envolvidos. Esta combinação de custos e benefícios cria *trade-offs* que levam os países a tentar simultaneamente maximizar os seus benefícios e minimizar os seus custos.

No entanto, como todos buscam a maximização de benefícios e competem por recursos escassos, acaba por haver conflitos de interesses. Isto pode refletir-se, em termos práticos, em escolhas entre *détente* ou escalada de conflito e comércio livre ou protecionismo. Esta perspetiva de custos e benefícios também está relacionada com a de Adam Smith (1976) que afirma que a dependência é uma consequência provável da especialização e das trocas comerciais, pois estas relações de troca envolvem benefícios que, ao satisfazerem necessidades, envolvem altos custos de interrupção comercial (Baldwin, 1980).

A interdependência pode ser definida como dependência mútua. É importante mencionar que dependência mútua não significa dependência simétrica (Keohane &

Nye, 1977). Ou seja, por dois países serem interdependentes não quer dizer que sejam ambos igualmente dependentes. Na maior parte dos casos, a dependência é assimétrica, o que coloca os estados com maior dependência numa posição mais “vulnerável” a exigências por parte do parceiro. E, alguns estados, ao temerem essa vulnerabilidade, podem hesitar entrar em comércio ou reduzir e até cessar o comércio existente.

Para analisar a relação entre interdependência e conflito, interessa diferenciar entre *sensitivity interdependence* e *vulnerability interdependence* (Baldwin, 1980; Duvall, 1978; Keohane and Nye, 1977). Esta distinção assenta nos custos de oportunidade implicados na quebra de relações.

A dependência sensível, definida em termos de “efeitos mútuos”, refere-se à abertura de um país a mudanças noutros países que são transmitidas através da interação. Por exemplo, a inflação e o desemprego podem ser transmitidos entre países ligados por fluxos de comércio ou capital. Isto é causado pelas diferenças nacionais de preços de fatores, e é independente de mudanças nas regras e políticas que governam essas interações (Gasiorowski, 1986). Estas são consequências naturais da abertura comercial a outros países e, como referem Keohane e Nye (1977), a sensibilidade assume que o quadro de base jurídico (em termos de leis e políticas) não se altera. É óbvio que se for, por exemplo, um aumento de preços num setor específico, vai afetar mais uns países do que outros.

Já a dependência vulnerável, definida em termos de custos de oportunidade de quebrar a relação, envolve a “satisfação de necessidades que implicariam custos em abdicar” (Baldwin; 1980) – este é o conceito mais utilizado, sendo por isso o tipo de dependência que causa “vulnerabilidades”, de acordo com o pensamento neorrealista (Baldwin, 1980). Estas vulnerabilidades fazem com que o comércio seja

menos desejável nesta perspetiva, pois temem a dependência e, acima disso, os custos da quebra de uma relação na qual investiram e se tornaram interdependentes. Gasiorowski (1986) refere o efeito das alterações em regras e políticas, como por exemplo boicotes, embargos, tarifas, quotas e outras disrupções de comércio que resultem de alterações nas regras formais ou informais e que possam levar a custos substanciais nos países afetados.

A utilização de custos de oportunidade para definir dependência vulnerável está associada às teses realista e liberal, mas de maneiras diferentes. Para os realistas, o custo de quebra de comércio leva a que o país tente evitar vulnerabilidades e, logo, comércio. Enquanto para os liberais, este custo de quebra de relações leva a que os países mantenham a paz, nem que seja para manter os benefícios de comércio e evitar os custos de quebra.

## **1.2. A tese “(neo)realista”**

O realismo é uma das mais importantes teorias das relações internacionais. Tem como principais pressupostos a anarquia do sistema internacional, o estatismo (papel central do estado na política internacional) e a constante luta por poder (quer seja territorial, militar, político ou económico). Os realistas chegam a afirmar que a estrutura anárquica do sistema internacional é que os leva a limitar a sua dependência económica (Blanchard *et al*, 2007), pois, a seu ver, não existe uma autoridade superior aos estados que possa regular as relações internacionais. Consequentemente, os estados preocupam-se não só com a sua própria segurança, mas também olham para os outros estados como potenciais ameaças, ajustando continuamente a sua posição de acordo com o poder dos outros estados e com o seu próprio poder (Brown e Ainley, 2009). Qualquer vulnerabilidade pode incentivar o

conflito, mesmo que seja de modo a assegurar o acesso a bens essenciais (Copeland, 1996):

O neorealismo é um ramo do realismo que se foca na estrutura do sistema internacional e nas forças que influenciam o comportamento dos estados e a sua política externa. O neorealismo divide-se em realismo ofensivo, onde os estados são maximizadores de poder, e defensivo, onde os estados são maximizadores de segurança (Mearscheimer, 2001).

O realismo ofensivo, que inclui autores como John Mearscheimer, afirma que a anarquia do sistema internacional e a fragilidade que causa levam obrigatoriamente os estados a procurar maximizar o seu poder. O sistema internacional anárquico leva-os a empregarem políticas agressivas e expansionistas, que consideram mais compensadoras (Brown e Ainley, 2009). De acordo com esta perspetiva, os estados procuram sempre a maximização de poder, independentemente da posição dos outros estados.

Os realistas defensivos, por outro lado, discutem relativamente a dilemas de segurança e contrapõem que mais poder pode conduzir a menos segurança pois os outros estados procuram aumentar o seu poder como resposta, chegando também a criar coligações poderosas. Como tal, um estado pode acumular poder somente até um certo ponto, de modo a não criar um sentimento de vulnerabilidade nos restantes que os levem a criar coligações. Afirmam que o sistema internacional não recompensa os estados que procuram dominar, mas sim aqueles que mantêm um balanço de poder. Como tal, os estados mantêm políticas menos arrojadas de modo a atingirem equilíbrio com outros estados e assim manter a segurança (Brown e Ainley, 2009; Waltz, 1979).

A abordagem neorrealista olha para a interdependência económica como um fator que pode reduzir a segurança nacional, especialmente onde os ganhos de comércio não são igualmente distribuídos, ou seja, em caso de assimetria. Mesmo que existam ganhos absolutos para ambos, podem surgir tensões acerca da distribuição dos ganhos relativos de comércio (Waltz, 1979). Os estados podem ver o ganho para o seu parceiro como uma perda potencial para eles e irão estar relutantes em dar a outros estados os benefícios associados com o comércio. Ou seja, os ganhos relativos obtidos com comércio assimétrico criam uma potencial ameaça de segurança, porque o lado avantajado terá um incentivo para utilizar a sua posição de negociação superior de maneira desestabilizadora (Keohane & Nye, 1975; Benson & Niou, 2007). Como resultado, podemos esperar que o lado menos avantajado tente fechar a relação de comércio para preservar a sua própria segurança (Barbieri, 1996).

Se a dependência for definida em termos de magnitude dos custos de oportunidade de quebrar uma relação, a interdependência económica pode ser vista como criadora de “vulnerabilidade”, rivalidade e descontentamento político do estado em relação a outro ator ou produto e pode, potencialmente, levar à ação militar para compensar (Baldwin, 1980; Braddon, 2012), ou, diríamos nós, num contexto em que a guerra militar se afigura, por enquanto, pouco provável, como no caso do nosso objeto de estudo, ao desencadeamento de medidas protecionistas ou de uma guerra comercial.

### **1.3. A tese “liberal”**

Os liberais argumentam que a interdependência económica diminui a probabilidade de guerra e, ao aumentar o valor do comércio em relação à agressão, estados interdependentes preferem comercializar em vez de invadir. Aqui entra o

argumento das vantagens comparativas. Em primeiro lugar, ocorre a divisão do trabalho e a especialização de acordo com as vantagens comparativas. É mais eficiente a especialização e troca do que a produção interna, tanto em termos de recursos que podem ser alocados para as suas vantagens, como em termos de produtividade. Assim, a troca de produtos leva a que os países obtenham benefícios mútuos e, logo, se tornem dependentes porque, à medida que comercializam mais, os custos de oportunidade de quebrar a relação tornam-se cada vez mais elevados e implicaria perdas de bem-estar. Como tal, os países estariam relutantes em quebrar esta interdependência. Por isso, na perspetiva liberal, níveis maiores de interdependência económica encorajam melhores relações políticas e afastam conflito potencial (Polachek, 1980; Braddon, 2012).

Nesta perspetiva, a alta dependência existente no sistema internacional leva os estados a estar num modo predominantemente comercial devido aos custos elevados das guerras. À medida que a interdependência económica aumenta, torna a ação militar para adquirir recursos adicionais desnecessária e desestabilizadora. Consequentemente, qualquer ação que feche a economia doméstica e previna o comércio torna-se uma possível fonte de conflito (Braddon, 2012). Neste sentido, a solução para eventuais conflitos seria a liberalização do comércio, e não o protecionismo, como aconteceu na génese da criação da União Europeia e como, em geral, foi promovido por vários governos americanos na História dos EUA.

#### **1.4. Fatores que influenciam a relação entre o comércio e o conflito**

As teorias clássicas, embora interessantes no contexto académico, não devem ser levadas como extremos. A interdependência económica e a paz ou conflito político estão ligados através de uma variedade de canais de transmissão, mas a direção da causalidade não é clara, nem mesmo quais os fatores que são exógenos



e endógenos (Braddon, 2012). A relação entre interdependência e conflito político não é linear e depende de fatores como contexto, expectativas comerciais, setor comercial, pertença a áreas de comércio preferenciais, contiguidade territorial, características demográficas e de especialização, tipo de regime, interesses dos estados, comunicação e assimetrias de informação.

A primeira questão que se coloca é a da direção da causalidade. Se é o comércio que diminui o conflito ou o conflito que reduz o comércio. Isto está relacionado com as expectativas dos estados. A integração normalmente ocorre quando os estados já anteciparam ser elevada a probabilidade de paz (Benson & Niou, 2007). Isto iria levar a uma correlação positiva entre as duas variáveis, mas não iria fornecer a direção de causalidade. Esta perspetiva está relacionada com a teoria das Expectativas de Comércio de Copeland.

A teoria de Copeland funde a visão liberal de benefícios comerciais como inibidores de conflito, com a visão realista de que os custos de potenciais cortes de comércio podem levar os estados para a guerra pois pretendem assegurar o acesso contínuo a bens vitais. As expectativas do estado quanto ao comércio e investimento futuro, dadas pelo cálculo dos benefícios totais obtidos com o comércio e os custos de cessação em relação à autarcia, permitem determinar, de acordo com a situação específica, qual destas visões prevalece (Copeland, 1996). Quando um estado dependente tem expectativas futuras positivas em relação ao comércio, independentemente de o nível atual de comércio, pode ver mais benefícios na paz e maiores custos de oportunidade quanto à guerra. Nesta situação, a interdependência económica teria um efeito positivo na promoção de paz, seguindo a lógica liberal. Contudo, se um estado dependente tem expectativas negativas, como um possível corte de comércio e investimento estrangeiro, a relação entre o conflito e a

interdependência deteriora quanto piores as expectativas do país dependente em relação à aquisição de investimentos, bens vitais, e mercados comerciais. Nesta situação, à medida que essas expectativas pioram, diminuem os custos de conflito político.

É necessário, contudo, examinar também porque é que um país decide aumentar ou diminuir as suas ligações económicas com o seu adversário (Benson e Niou, 2007). De modo a criarem o seu modelo próprio de interdependência e conflito, Benson e Niou (2007) separaram os estados em estados *politics-first* e estados *economics-first*. Os benefícios esperados do conflito são avaliados através da valorização subjetiva de ganhar em assuntos políticos ser, na sua visão, maior do que os benefícios de comércio e do que os custos de guerra.

Um estado *economics-first* vê os seus benefícios de comércio e custos de guerra como superiores aos benefícios esperados de guerra. Prefere então ganhos de bem-estar económicos em vez de assegurar objetivos políticos. Assim, o estado adapta o seu comportamento não só em relação aos seus objetivos, como também ao que crê que o tipo do adversário seja, chegando também, muitas vezes, a fazer *bluff*.

Um estado *politics-first* pode dar a entender ao seu parceiro que é *economics-first* para conseguir criar dependência no parceiro e extrair concessões. Os autores criaram então um modelo onde estudam dois atores, que não estão certos acerca do tipo de interesses do parceiro. Agem, portanto, de acordo com os seus interesses e do que percebem do parceiro. Com este modelo, os autores conseguiram então conjugar os interesses do estado com a estratégia política e económica. Como tal, pode assumir-se uma interação estratégica entre estados que são parceiros

prospetivos em vez de parceiros economicamente interdependentes (Benson & Niou, 2007).

A questão das assimetrias de comércio e de bens estratégicos é especialmente importante na literatura da interdependência e conflito. Atingir a paz através do comércio é mais provável em díades compostas por parceiros mutuamente dependentes. Quer isto dizer que estados com graus semelhantes de dependência têm menor probabilidade de entrar em conflito (Barbieri, 1996).

O conflito é mais sensível perante o comércio de mercadorias particularmente estratégicas para uma economia. As interações e escolhas em termos de estratégia, política, liberalização comercial ou fecho dependem então das dotações de atributos estratégicos. São exemplo bens de grande importância (militares e energéticos) para o estado. Como é o caso da Arábia Saudita, que exporta maioritariamente petróleo – um produto altamente estratégico para muitos países. Como tal, seria de esperar que países que comercializam com a Arábia Saudita experienciassem grandes perdas de bem-estar se o comércio terminasse. Logo, estes países devem ser sensíveis e até mesmo vulneráveis ao comércio saudita (Polachek, 1980).

É importante pois notar que o impacto do comércio no conflito não depende então do valor monetário dos bens trocados, mas da sua importância para a segurança do país. Compare-se a importância e a dependência causada pelo petróleo com os setores de produtos de luxo. Por mais caros que sejam os produtos, a dependência causada (os custos de término de comércio) não será tão elevada como a dependência causada pelo petróleo. É importante ter em conta não só as dotações, como também a raridade do produto, mobilidade, fornecedores e mercados alternativos (tanto para exportação como importação) e importância para a segurança do estado, quando se calcula a interdependência por setores.

Dependendo do tipo de bem, a elasticidade da oferta e procura do bem variam e isso leva de volta à questão de custos de oportunidade e vulnerabilidade. O custo de quebra da relação torna-se mais alto quanto menos mercados alternativos existem para um determinado bem – é aplicável tanto na procura como na oferta. Como tal, Polachek (1980) e McDonald (2004) fornecem evidência de que quanto mais inelástica for a procura e oferta de importações e exportações de um país para outro, menor o conflito (Barbieri, 1996). O problema surge quando o exportador ou o importador reagem mais a variações de preços. Consequentemente, a relação entre interdependência e conflito passa obrigatoriamente pelas assimetrias em termos de dotações, a compatibilidade em termos de vantagens comparativas e os tipos de bens comercializados. Dependendo do tipo de mercados existentes e dos produtos comercializados, o país importador/exportador pode ser deixado numa posição mais vulnerável.

### **1.5. Guerras comerciais – Válvula de escape dos conflitos armados**

Para os liberais, o facto de haver interdependência quer dizer que os custos de quebra de relação são muito elevados, tornando a continuação do comércio a melhor opção. Mas a vulnerabilidade criada pela assimetria é vista de maneira diferente pelos realistas, que defendem que o estado mais independente vai tentar extrair concessões do mais frágil. Defendemos neste ponto que foi precisamente isso que a Administração Trump tentou fazer com a guerra comercial que moveu contra a China.

O instinto de autoproteção da soberania dos estados implica que tudo o que ameace a segurança nacional, em particular a segurança económica, tem de ser combatido. Embora a economia como ciência tenha surgido num contexto de *low politics*, a economia enquanto sistema tem o poder de afetar o bem-estar do estado

quase tanto como a segurança em termos militares, devido à dependência dos países de bens essenciais como o petróleo, bens alimentares e tecnologia.

Para conseguir relacionar interdependência económica com conflito é mais conveniente pensar em relações de dependência como relações de poder. Logo, como relação de poder, relações de dependência devem ter foco e domínio. Os Estados Unidos, por exemplo, no passado, podiam ser dependentes da Arábia Saudita em termos de petróleo, mas nunca em relação a questões de segurança (Baldwin, 1980).

Lasswell et. al (1951) afirmam que é provável que as relações de dependência sejam uma forma de influência, que pode servir de base (ou recurso de poder) para uma forma diferente de influência. É importante lembrar que a eficácia de uma ameaça implícita ou explícita é maior se o país for realmente dependente (Baldwin, 1980). Como tal, os Estados Unidos fazem extração de petróleo, o que implica que não sejam tão dependentes das exportações sauditas de petróleo como outros países. Como os recursos de poder são menos flexíveis do que recursos económicos (como a moeda), um ator pode ter grande poder em relação a certos focos, mas pouco poder em relação a outros (Baldwin, 1980). Mesmo assim, o ator pode utilizar a sua elevada posição de negociação num campo para extrair benefícios noutra. Essa lógica é que leva à desconfiança dos realistas em relação à interdependência económica.

Os estados, ao protegerem os seus próprios interesses comerciais, entram frequentemente em desacordo. Especialmente quando surgem pressões protecionistas e os países erguem barreiras comerciais. Na grande parte dos casos, os parceiros comerciais tentam resolver as questões de maneira diplomática. Se tal não resultar e se estiverem dependentes desse mercado, possivelmente fazem

retaliação. Esta retaliação é, de certa forma, uma maneira de tentar alterar o comportamento do protecionista.

Uma das preocupações com as guerras comerciais é em relação ao seu potencial de deflagrar em conflito armado. Porém, atualmente, os conflitos entre nações desenvolvidas têm a tendência de evitar recorrer ao uso direto de força entre as mesmas. O conflito armado sempre teve custos, sendo eles humanos, materiais e económicos. No entanto, o conflito tornou-se ainda mais custoso devido ao risco de escalada nuclear, efeitos negativos em relação a objetivos económicos e oposição de opinião pública nacional (Keohane & Nye, 1977). Além do mais, muitas das grandes potências estão envolvidas em alianças militares, o que age como elemento dissuasor. Então, o uso de força entre países desenvolvidos deve ser evitado a todo o custo, levando normalmente à necessidade de negociação ou guerra por outros meios, nomeadamente a guerra comercial.

Esta situação, conjugada com os interesses de *stakeholders* como as empresas multinacionais, que têm um poder considerável a nível internacional e cujos interesses principais assentam no lucro económico, leva a uma probabilidade ainda menor de conflito armado, mas pode aumentar a probabilidade de uma guerra comercial. O interesse das empresas no lucro vai levar a que a guerra tenha custos demasiado elevados para os seus objetivos, à exceção do sector militar, mas as mesmas podem estar abertas a apoiar uma guerra comercial no sentido de protegerem os seus mercados domésticos e as suas tecnologias.

Há também um segundo fator a ter em mente. Os países do sistema internacional estão crescentemente interdependentes e, além disso, certos produtos não são produzidos inteiramente no mesmo país, estando inseridos em Cadeias de Valor Globais. O problema com a imposição de demasiadas tarifas pode ter também

um impacto no país que as impõe por aumentar os preços de bens intermédios necessários, e logo os custos de produção para empresas nacionais. Nesta situação, passa-se de um jogo de soma nula para soma negativa, onde ambos os países ficam a perder.

A atual guerra comercial entre os Estados Unidos e a China deve ser encarada como um conflito entre uma potência dominante e uma potência em ascensão. Os custos de entrada em conflito militar violento por parte dos primeiros envolveriam não só os custos de guerra normais, que são enormes, mas também a perda de todos os benefícios comerciais para ambos devido à sua interdependência. A China é o maior exportador para os Estados Unidos e os Estados Unidos são os maiores importadores de produtos da China. Já os Estados Unidos são o terceiro maior exportador para a China.

Os resultados de uma guerra armada seriam devastadores, devido não só à influência e poder destes países, devido à sua interdependência económica, mas também devido ao seu poder nuclear. Torna-se assim claramente mais razoável e menos arriscado para a potência dominante desencadear uma guerra comercial que não deflagre num conflito armado, no sentido de travar o agravamento da perda de vantagens. Assim sendo, o protecionismo é a maior arma que nações desenvolvidas podem utilizar. Contudo, as suas consequências podem ser sérias num mundo onde estão economicamente interdependentes.

## **2. A Política Comercial da Anterior Administração Americana**

### **2.1 Papel Americano no Sistema Internacional**

Os Estados Unidos mantiveram uma posição de domínio no sistema internacional, destacando-se pelo seu poder militar (*hard power*), mas também pelo seu poder económico e pela sua influência cultural e diplomática (*soft power*) (Sinkonnen,2018; Hammond, 2018), reflexo da postura internacionalista liberal (Popescu, 2018; Drezner, 2019) que aplicavam. Esta postura começou a ganhar preponderância no pós-Segunda Guerra Mundial, substituindo o unilateralismo isolacionista até então praticado (Ramos Josa, 2019). Desde aí, os Estados Unidos difundiram os seus ideais e a sua cultura através da construção e participação ativa numa nova ordem mundial, por eles moldada (Sinkonnen,2018).

Esta ordem recorre a instituições, acordos e alianças internacionais de modo a assegurar os interesses políticos e económicos americanos. Assim sendo, instituições como a OTAN, o Banco Mundial, o FMI, a ONU e a OMC são meios através dos quais a liderança americana é realizada (Muhammad,2020). Sem estas regras acordadas, as negociações entre atores estatais podem perder relevância perante meios mais drásticos de exercer influência (Babbitt, 2019).

### **2.2. Os Fundamentos**

Donald Trump quebrou com a tradição internacionalista liberal ao assumir uma postura evidentemente mais protecionista no domínio económico (Popescu, 2018; Drezner, 2019). Embora seja difícil encarar a política de Trump como uma abordagem estratégica e racional, a sua postura tem pontos em comum com o realismo, mais concretamente, com o neorealismo ofensivo. Nesta perspetiva, a anarquia do sistema internacional gera competição por poder. De modo a salvaguardar a segurança nacional, cada potência procura evitar vulnerabilidades, mesmo se tiver



de abdicar dos benefícios do comércio, pois consideram que as vulnerabilidades podem alcançar um nível de importância comparável ao de ações militares (Walt, 2018).

Na visão realista, uma China em ascensão iria tentar modificar características que não fossem do seu agrado, já que um realista espera que uma potência emergente tente alterar o sistema a seu favor (Mearsheimer, 2015). Este fenómeno é conhecido como a “Armadilha de Tucídides” (Allison, 2015). Ou seja, irá encarar a ascensão chinesa com desconfiança pois acredita que não iria revelar as suas verdadeiras intenções (Mearsheimer, 2015), já que o seu crescimento económico pode levar ao seu desenvolvimento militar (Atesoglu, 2013 em Coulter, 2020).

Também integra do realismo ofensivo a ideia de *buck-passing*, onde grandes potências tentam fazer com que outros estados lidem com potenciais ameaças (Mearsheimer 2001), como exemplificado pela sua atitude em relação à OTAN, e pelo seu apoio a programas nucleares japoneses e sul-coreanos (Zakheim, 2017). Embora sejam céticos em relação a alianças internacionais, não são adversos à cooperação em certas situações, o que não se verificou no caso de Trump.

### **2.3. Unilateralismo**

A estratégia de “*America First*” da Administração Trump levou os Estados Unidos a renegar vários acordos multilaterais, como o *Trans-Pacific Partnership* e o acordo nuclear iraniano, afirmando que os Estados Unidos não iriam subsidiar mais as suas alianças (FP, 2017). Deram primazia a acordos bilaterais que demonstram uma visão de soma zero e luta por poder consistentes com o realismo (Sinkkonen, 2018), e que lhe permitem encarar as negociações numa posição de superioridade. Contudo, isto contribuiu para uma diminuição do *soft power* e liderança global dos EUA (Sinkkonen, 2018).

Por exemplo, a retirada americana do TPP (*Trans-Pacific Partnership*) conduz à potencial fragilização do poder económico e político dos EUA na região da Ásia-Pacífico, que é uma região estratégica. As razões para tal encaixam no realismo ofensivo, pois vêem o TPP como algo que beneficiava os parceiros mais do que os EUA. (Coulter, 2020). Contudo, o realista tem em conta a envolvente internacional e, assim, ao considerar ganhos relativos, deve preocupar-se mais com o maior competidor (Bin, 2003), não alienando os seus aliados. Como tal, o TPP não deve ser examinado em termos de ganhos em relação aos outros membros, mas como este balança o poder americano em relação à China (Coulter, 2020). Este acordo, que exclui a China, tinha como um dos seus objetivos a redução da dependência dos países do sudeste asiático em relação à China. Tendo em conta as ambições chinesas na região, é expeável que a China tente fazer uma aproximação aos países do TPP (FP, 2017) após a retirada americana, o que já ocorreu com a candidatura da China ao CPTPP.

Além da retirada do TPP, Trump procedeu também à substituição da NAFTA pelo USMCA (United States Mexico Canada Agreement) e pressionou os seus aliados da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte), acusando-os de não contribuírem o suficiente. Convém lembrar que a OTAN é uma organização do sistema criado pelos EUA e, sem ela, muitos dos seus membros não iriam responder positivamente a iniciativas americanas. Já a saída do Acordo Nuclear Iraniano (*Joint Comprehensive Plan of Action*) abriu as portas para a China em termos de influência no médio oriente, refletindo ainda mais as tentativas chinesas de obter dominância na região (Fasssihi & Myers, 2021). Assim sendo, além de perderem preponderância em regiões geográficas estratégicas, os EUA deixam o seu maior competidor numa posição potencialmente mais forte.

Mesmo que o realista acredite que não existe qualquer entidade que se sobreponha ao estado, é necessário reconhecer a importância de organizações internacionais e acordos comerciais no sistema atual. Ao abdicar do seu papel em organizações como o FMI e o Banco Mundial, deixa-as abertas à influência da China, o que iria contra os interesses da “*America First*” (Zakheim, 2017).

Ademais, as organizações e acordos são ferramentas essenciais e mesmo necessárias de modo a implementar regras comerciais para práticas económicas chinesas não abrangidas pelos compromissos junto da OMC, incluindo em áreas como as *state-owned enterprises* (SOEs), certos subsídios, comércio digital e os direitos de autor (Meltzer and Shenai, 2019).

A questão de a China ser uma potência *status-quo* ou *revisionista* e se é *economics-first* ou *politics-first* continua a ter importância. A China integrou-se no sistema internacional em organizações multilaterais, sem tentar alterá-lo. Contudo, a partir de 2008, revelou-se revisionista em relação a certos assuntos e mais assertiva em relação a organizações multilaterais. Este revisionismo assenta na crença de que a maioria das organizações internacionais multilaterais estão sob a liderança das potências ocidentais. Além disso, a China pretende defender os seus interesses na região da Ásia-Pacífico, tendo um crescente número de disputas com os países vizinhos, o que pode levar a um dilema de segurança (Bendini, 2016; Saarela, 2017).

## **2.4. Protecionismo**

### **2.4.1. Porquê a emergência da China é vista como uma ameaça**

A China tornou-se num dos maiores exemplos de transformação rápida nos últimos anos, o que teve um impacto significativo nas outras economias (Lim & Feng, 2005). Este desenvolvimento ocorreu devido a uma maior abertura para o

estrangeiro, com medidas implementadas de modo a fomentar comércio internacional e investimento.

De modo a desenvolver a China, Deng Xiaoping implementou as 4 Modernizações, com o intuito de fortalecer a indústria, agricultura, defesa nacional e tecnologia. Com esta iniciativa, deu-se o estabelecimento de Zonas Económicas para captar investimento estrangeiro e fomentar a exportação (Bendini, 2016). Além disso, a República Popular da China também beneficiou da aproximação com o Ocidente após o seu reconhecimento por parte dos Estados Unidos, em 1979 (Bendini, 2016) e ainda mais após a sua adesão à OMC em 2001.

O seu desenvolvimento pode ser parcialmente explicado no quadro do modelo dos gansos voadores de Akamatsu (1961). Este modelo cria uma analogia entre a formação de voo de gansos em v e o crescimento do PIB per capita e desenvolvimento das economias asiáticas. No lado esquerdo da formação reflete-se a oferta nessas economias, que passa por diferentes fases de desenvolvimento, partindo da agricultura e produtos primários para a manufatura intensiva em trabalho. Daí evoluem para a manufatura intensiva em capital e, por fim, para a alta tecnologia (Lim & Feng, 2005).

Como tal, a transição da China ocorreu através da mobilização de recursos domésticos e a promoção de complementaridades entre a agricultura e indústria. Gradualmente, passou de produtora de bens de baixa tecnologia para uma potência na vanguarda tecnológica (Lim & Feng, 2005). No entanto, ao subir na cadeia de valor, deixou de ser unicamente a fábrica do mundo, passando também a competir com o Ocidente (Colback, 2020).

Devido à fragmentação internacional da produção, muitos produtos são produzidos utilizando componentes de vários países (Krist, 2013), sendo a integração

nas Cadeias Globais de Valor essencial para a inserção de um país no comércio internacional. Produtos que utilizam técnicas intensivas em trabalho nas suas produções devem ser normalmente produzidos em países onde o custo do trabalho é relativamente baixo, como era o caso da China, que beneficiou da sua abundância de mão-de-obra barata, subsídios estatais, baixos custos de produção e da baixa cotação do renminbi em relação ao dólar.

Na última década, a sua influência global no comércio tem aumentado ainda mais, e a sua economia cresceu para eventualmente se tornar na maior economia mundial logo a seguir aos EUA em termos de PIB em termos de ppc (FMI in Bendini, 2016). Apesar da sua ascensão económica, continua a ter um baixo PIB per capita e a lidar com grandes disparidades entre zonas urbanas e rurais (Bendini,2016). Ainda não é uma superpotência militar que consiga rivalizar com os EUA, mas é uma força regional ao longo da sua costa e tem vantagem geográfica no mar do Sul da China (Bendini,2016). Mantém a propriedade de setores fundamentais como a metalurgia, combustíveis fósseis, comunicações, transportes e indústrias ligadas ao setor da defesa. Como tal, a China tem uma preocupação pela estabilidade do Médio Oriente, não só devido à OBOR, mas também por o Iraque ser um dos seus principais fornecedores de petróleo (Saarela,2017).

A China desenvolveu a iniciativa *One Belt One Road* de modo a estabelecer mais canais comerciais com os seus vizinhos na Ásia Central, Médio Oriente e Europa, através de investimentos nas infraestruturas de diversos países. O plano oficial delinea as rotas terrestres (*Belt*) e marítimas (*Road*) e traz a vantagem adicional de fomentar o desenvolvimento de áreas menos desenvolvidas da China e de lidar com a sobreprodução, contribuindo para uma potencial subida na cadeia de valor (Bruce-Lockhart, 2017).

### 2.4.2. Guerra Comercial e as suas consequências

A administração do presidente Trump acusou a China de manipulação cambial, roubo de propriedade intelectual, com os subsídios de exportações ilegais e de ser a causa primária de perda de empregos americanos na manufatura (Daniels 2016). O estabelecimento de barreiras comerciais foi justificado, de acordo com a administração Trump, pelo elevado défice comercial americano em relação à China. O ex-presidente acreditava que as tarifas unilaterais iriam diminuir o défice dos EUA no comércio com a China e fazer com que os empregos na indústria voltassem aos EUA.

Embora tenham tentado estimular as grandes corporações através de cortes de impostos, na prática não resultou porque as tarifas que foram impostas no âmbito da guerra comercial tornaram a importação de *inputs* mais cara, afetando o lucro das empresas (BBC, 2019).

Ao longo de 2018, a administração americana começou a implementar uma série de medidas comerciais orientadas para as importações, atingindo inicialmente produtos específicos nos setores metalúrgico, de alumínio, painéis solares e madeiras, sendo que a China foi o país mais afetado por estas tarifas. O protecionismo de Trump implicou tarifas de 25% a bens no valor de \$34 mil milhões de dólares americanos, levando à retaliação equivalente por parte da China. A Guerra comercial continuou em *tit for tat* até janeiro de 2020, quando foi assinado um acordo entre a China e os EUA.

Uma das questões mais importantes na guerra comercial entre a China e os Estados Unidos é a tecnologia 5G, que pode ser encarada como uma tecnologia estratégica. Logo, torna-se uma questão na qual podem surgir vulnerabilidades e assimetrias. Ambos os países competem pela liderança, que irá definir as

infraestruturas que conectam milhares de milhões de dispositivos à rede. A administração Trump impôs restrições a empresas de telecomunicações chinesas, designadamente a Huawei, e tentou bloquear politicamente a construção noutros países da rede 5G produzida por essa empresa, apoiando-se em argumentos de espionagem e segurança nacional (Costa, 2019). Este bloqueio não é exclusivamente americano, já que a China também bloqueou companhias como o Facebook e o Youtube no país.

As tarifas americanas continuam a ser quase totalmente suportadas pelas empresas e consumidores dos EUA. Os EUA aplicaram as tarifas sobre as importações dos principais parceiros comerciais, constatando-se que, na maioria dos setores, essas tarifas afetaram as empresas e consumidores dos EUA porque os preços dos produtos da China estabilizaram e mantiveram-se face a novos aumentos (Higgins et al, 2019). As empresas chinesas conseguiram manter 75% das suas exportações para os EUA, tendo absorvido parte do custo das tarifas (Nicita, 2019). E, embora a China continue a ser dependente de exportações, principalmente para os EUA, a sua dependência está a diminuir pois consegue apoiar-se na procura doméstica de modo a lidar com barreiras comerciais (Bloomberg View, 2018).

Além disso, as tarifas resultaram num aumento de importações do México, da UE entre outros, que são produtores mais caros comparativamente com a China. Estes efeitos de desvio de comércio levaram no primeiro semestre de 2019 a perdas rondando os US\$ 14 mil milhões (Nicita, 2019).

Em conclusão, tarifas bilaterais conduzem a preços mais elevados para os consumidores, a ganhos mais baixos para companhias de exportação e são acompanhados por efeitos de desvio de comércio. O protecionismo como mecanismo de coerção apenas funciona se o alvo não puder obter os bens e serviços de outra

forma (Nicita, 2019). A China diminuiu as tarifas com a EU como forma de aliviar a pressão colocada pelas tarifas com os EUA (Drezner, 2019). Havendo competidores equivalentes, seria expeável que um estado concluísse que os custos do protecionismo são superiores aos benefícios (Coulter, 2020). Devido às tarifas impostas, o seu déficit será distribuído para as outras nações, que são produtoras mais caras, o que afeta o poder de compra americano (Bloomberg View, 2018).

Independentemente do facto de Trump ter apontado a China como responsável pela perda de postos de trabalho na manufatura e pelo déficit, os dados mostram que as exportações americanas para a China apoiam cerca de 1,8 milhões de empregos nos setores de serviços, agricultura, e bens capitais (Bendini,2016).



### 3. Aplicação aos Países do G20

Nos capítulos anteriores defendemos que a guerra comercial desencadeada pelo governo norte-americano contra a China pode ser interpretada recorrendo à dicotomia teórica entre a corrente neorrealista e a corrente liberal das relações internacionais, dando assim por cumprido o nosso primeiro objetivo. Defendemos também que essa guerra comercial pode ser entendida como uma reação não militar dos EUA enquanto potência dominante perante os desafios impostos pelo crescimento económico da China enquanto potência em ascensão. Neste capítulo, desenvolveremos um trabalho empírico tendo por base os fluxos de comércio entre os países do G20 no sentido de avaliar os possíveis impactos daquela guerra sobre países terceiros, recorrendo aos indicadores por nós construídos de interdependência económica estática (efeitos diretos) e de interdependência económica dinâmica (efeitos indiretos).

#### 3.1. Metodologia

Para efeitos de apresentação da metodologia usada no trabalho empírico<sup>1</sup>, considere-se uma determinada zona geográfica com  $m$  países e a matriz quadrada dos fluxos de comércio intrazona em determinado período de tempo. Calcule-se a matriz  $A$  de termo geral  $a_{ij}$  representando o peso das exportações totais do país  $i$  para o país  $j$  nas exportações totais intrazona. Portanto,  $a_{ij}$  dá o efeito imediato, direto ou estático sobre as exportações de  $i$  para  $j$  derivado de uma diminuição exógena das exportações intrazona no montante de uma unidade. Com base nesta matriz, definimos os seguintes indicadores de interdependência económica direta:

---

<sup>1</sup> Metodologia baseada em Cartapanis, Fuguet & Peguin (1985) “La Zone de Coherence Européene: Essai d’évaluation et avenir” em *Le Protectionnisme, Economica*, Paris (pp. 579-598)

$IIDEE_{ij} = a_{ij} \rightarrow$  indicador de interdependência económica direta entre o país  $i$  e

o país  $j$  pela via das exportações de  $i$  para  $j$  ou das importações de  $j$  provenientes de  $i$ .

$IIDEE(X)_i = \sum_j a_{ij} \rightarrow$  indicador de interdependência económica direta entre o país  $i$  e a zona pela via das exportações de  $i$  para a zona ou das importações da zona provenientes de  $i$

$IIDEE(M)_j = \sum_i a_{ij} \rightarrow$  indicador de interdependência económica direta entre o país  $j$  e a zona pela via das importações de  $j$  provenientes da zona ou das exportações da zona dirigidas a  $j$

Porém, uma diminuição exógena das exportações intrazona gera também efeitos diferidos, indiretos ou dinâmicos pela via das interdependências comerciais que existem entre os países da zona, que devem ser somados aos efeitos imediatos, diretos ou estáticos, soma essa que pode ser calculada a partir da matriz  $A$ :

$$B = A + A^2 + A^3 + A^4 + \dots + A^n + \dots$$

$$B = A^*(I + A + A^2 + A^3 + \dots + A^{n-1} + \dots)$$

em que os expoentes da matriz  $A$  representam os períodos de tempo durante o qual decorrem os efeitos dinâmicos ou indiretos. Para este tipo de matrizes, demonstra-se que  $(I + A + A^2 + A^3 + \dots + A^{n-1} + \dots) = (I - A)^{-1}$ , pelo que se tem:

$$B = A^*(I - A)^{-1}$$

Considerando que  $b_{ij}$  representa o termo genérico de  $B$ , agregando os efeitos estáticos e os efeitos dinâmicos, podemos definir os seguintes indicadores de interdependência económica<sup>2</sup>:

$IIDE_{ij} = b_{ij} \rightarrow$  indicador de interdependência económica entre o país  $i$  e o país  $j$  pela via das exportações de  $i$  para  $j$  ou das importações de  $j$  provenientes de  $i$

$IIDE(X)_i = \sum_j b_{ij} \rightarrow$  indicador de interdependência económica entre o país  $i$  e a zona pela via das exportações de  $i$  para a zona ou das importações da zona provenientes de  $i$

$IIDE(M)_j = \sum_i b_{ij} \rightarrow$  indicador de interdependência económica entre o país  $j$  e a zona pela via das importações de  $j$  provenientes da zona ou das exportações da zona dirigidas a  $j$

Considere-se agora a matriz  $C = B - A$ . O termo genérico desta matriz,  $c_{ij}$ , dá-nos o efeito desfasado, indireto ou dinâmico sobre as exportações do país  $i$  dirigidas ao país  $j$  derivado de uma diminuição exógena das exportações intrazona no montante de uma unidade. A matriz  $C$  permite-nos então apresentar os indicadores de interdependência económica dinâmica:

$IIDED_{ij} = c_{ij} \rightarrow$  indicador de interdependência económica dinâmica entre o país  $i$  e o país  $j$  pela via das exportações de  $i$  para  $j$  ou das importações de  $j$  provenientes de  $i$

$IIDED(X)_i = \sum_j c_{ij} \rightarrow$  indicador de interdependência económica dinâmica entre o país  $i$  e a zona pela via das exportações de  $i$  para a zona ou das importações da zona provenientes de  $i$

$IIDED(M)_j = \sum_i c_{ij} \rightarrow$  indicador de interdependência económica dinâmica entre o país  $j$  e a zona pela via das importações de  $j$  provenientes da zona ou das exportações da zona dirigidas a  $j$

### 3.2. Análise da evolução da interdependência económica estática

Os gráficos que se apresentam a seguir contêm os resultados para o indicador de interdependência económica estática, ou seja, para o peso das exportações/importações de cada um dos países para os seus parceiros do G20<sup>2</sup>. Esta análise utiliza dados de 2000 e 2017, de modo a refletir a evolução desde a criação do G20, em 1999, até 2017, ano anterior ao começo da guerra comercial EUA-China.

Destaca-se a ascensão da China, que aumentou o seu peso nas exportações intra-G20 de 6% para 19,5%, como se pode verificar no Gráfico 1, e a diminuição da preponderância das exportações americanas de 22,5% para 17,5%. Numa análise mais detalhada, verifica-se que, a par da China, viram também aumentadas as suas importâncias relativas a Coreia do Sul (de 4,4% para 5,6%), a Austrália (de 1,6% para 2,9%), o Brasil (de 1,5% para 2,2%), a Índia (de 0,9% para 2,1%) e a Federação Russa (de 1,7% para 2,7%). Contrariamente, para além dos Estados Unidos, outros países viram a seu peso relativo diminuir, tais como o Canadá (de 10,7% para 6,3%), o Japão (de 11,9% para 7,2%), o Reino Unido (de 6,4% para 3,7%), a França (de 6,2% para 4,4%) e a Itália (de 5,4% para 4,3%). Ou seja, no seio do grupo verificou-se, em geral, uma diminuição da importância relativa dos países desenvolvidos a favor das economias emergentes. Entre as economias desenvolvidas, a Alemanha constitui uma exceção de relevo já que conseguiu manter e até aumentar ligeiramente a sua posição (de 11% para 11,3%), adaptando-se à nova dinâmica de crescimento de potências emergentes.

---

<sup>2</sup> Os resultados do indicador de interdependência económica estática de cada um dos países em relação a cada uns dos parceiros podem ser consultados no anexo IV.



*Gráfico 1. Evolução do indicador de interdependência económica estática – Exportações.  
Elaboração e cálculos próprios com base em dados da COMTRADE*

### **3.3. Análise da evolução da interdependência económica dinâmica**

Os cálculos efetuados permitem verificar que um choque que conduza a uma variação imediata de 1 unidade no comércio intra-G20 teria um impacto total de 0,14 unidades em 2000 e de 0,11 unidades em 2017 (Anexo IV). Poderá parecer estranha esta diminuição ao nível dos efeitos indiretos, cuja origem careceria de cálculos mais detalhados, mas há que ter em conta que uma maior interdependência também se pode traduzir numa maior facilidade em encontrar alternativas quando determinados choques afetam determinados mercados, atenuando-se, desta forma, os efeitos indiretos.

No entanto, o que interessa salientar aqui é que existem efeitos indiretos que têm que ver com a interdependência económica de tal modo que qualquer alteração nos fluxos das economias mais influentes irá afetar os parceiros não só diretamente, como indiretamente. Contudo, a capacidade de influenciar indiretamente o comércio dos parceiros (importações e exportações) varia não só de país para país como ao

longo do tempo. É essa dinâmica que aparece evidenciada no gráfico 2 a partir dos cálculos efetuados recorrendo à metodologia explicitada anteriormente.<sup>3</sup>

Em 2000, destacava-se o Canadá em termos de capacidade para gerar efeitos indiretos, seguido dos EUA, do Japão e do México. Note-se que, embora os Estados Unidos fossem a economia mais importante no seio do grupo em termos do peso das suas exportações, eram ultrapassados pelo Canadá em termos de capacidade para gerar efeitos indiretos. Em 2017 temos um panorama significativamente diferente. A China é a economia com maior capacidade para gerar efeitos indiretos, aparecendo os Estados Unidos em segundo lugar. O Japão, o México, a Alemanha e o Canadá ocupam as posições seguintes.

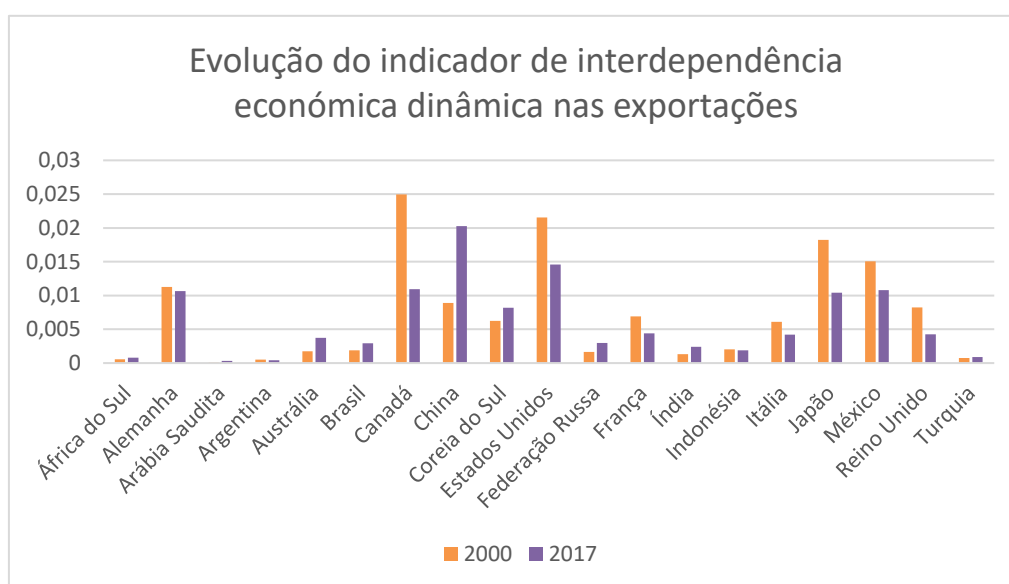


Gráfico 2. Evolução do indicador de interdependência económica dinâmica. Exportações. Elaboração e cálculos próprios com base em dados da COMTRADE

Em resumo, de 2000 para 2017 há não só uma ascensão clara da China enquanto grande exportador, mas também enquanto economia com capacidade de arrastamento das outras economias pela via dos efeitos indiretos. Quanto aos Estados Unidos, perderam a liderança em termos de peso enquanto exportadores no

<sup>3</sup> Os resultados do indicador de interdependência económica dinâmica de cada um dos países em relação a cada um dos parceiros podem ser consultados no anexo IV.

seio do G20 e viram reduzir de forma considerável a sua capacidade relativa de influenciar indiretamente as outras economias. Portanto, não é de estranhar que uma potência económica dominante, mas em declínio relativo (os Estados Unidos) reaja à ameaça de preponderância da potência em ascensão (a China), como discutido oportunamente na parte teórica desta dissertação.

Tendo em conta que, no seio de um grupo, cada parceiro comercial tem uma importância relativa que lhe é dada diretamente pelo peso das suas exportações (ou importações), mas também pela capacidade relativa de afetar indiretamente os fluxos comerciais com origem e destino em cada um dos parceiros, justifica-se questionar qual o impacto que uma guerra comercial entre os Estados Unidos e a China pode ter não apenas sobre os seus próprios fluxos comerciais bilaterais, mas também sobre os fluxos comerciais com origem ou destino nos outros parceiros do grupo. A resposta a esta questão será dada no ponto seguinte deste capítulo.

### **3.4. Análise dos impactos estimados da diminuição do comércio bilateral entre os Estados Unidos e a China**

De modo a averiguar os efeitos da diminuição do comércio em caso de choque sobre os fluxos comerciais intra-G20 induzido por uma guerra comercial desencadeada pelos Estados Unidos contra a China, procedeu-se ao estabelecimento de dois cenários hipotéticos. No primeiro, pressupõe-se que os Estados Unidos aplicam sanções contra a China que afetam as exportações chinesas para os Estados Unidos num montante equivalente a 1% do valor registado em 2017 (o que equivale a cerca de US\$4303 milhões), sem que a China retalie. No segundo cenário acrescenta-se uma retaliação da China contra as importações provenientes dos Estados Unidos equivalente ao valor da perda sofrida pelas sanções americanas.

Os impactos da guerra comercial sobre os fluxos comerciais bilaterais intra-G20, em ambos os cenários, são apresentados no anexo VI. No entanto, os nossos comentários incidem apenas sobre os resultados agregados por país, explicitados nos gráficos 3 e 4 (cenário A) e 5 e 6 (cenário B).

No que diz respeito ao cenário A, verifica-se que as sanções dos Estados Unidos contra a China no montante referido anteriormente fariam reduzir as suas importações totais em 0,26%, mas afetariam também as suas exportações totais em -0,006%. No caso da China, as suas exportações totais seriam afetadas em -0,37% e passaria a importar menos -0,006%. Contudo, os outros países do grupo também seriam afetados pela via dos efeitos indiretos, como previsto pela matriz de efeitos indiretos calculados anteriormente. Os nossos cálculos sugerem que, dos outros países, os mais afetados em termos de perda de exportações e de importações seriam o Canadá e o México (-0,012% cada no caso das exportações e -0,017% no caso das importações), eventualmente em resultado das fortes ligações comerciais que têm com os Estados Unidos. Países como a Austrália, o Brasil e a Coreia do Sul sofreriam uma quebra nas suas exportações totais de sensivelmente 0,01%. Em matéria de exportações, os países menos afetados pelas sanções americanas contra a China seriam a Turquia e os próprios Estados Unidos (-0,06%).

Tendo em conta o valor inicial de US\$4303 milhões, a quebra total das exportações da China para os Estados Unidos ascende a US\$4313 milhões e para os parceiros do G20 a US\$4390 milhões. Por sua vez, as exportações intra-G20 diminuem US\$4789 milhões, com as perdas chinesas a representarem 91,7% deste montante. Note-se também que, neste cenário, os Estados Unidos acabam por perder cerca de US\$62,7 milhões de exportações para os parceiros do G20 ao mesmo tempo que as suas importações com origem no G20 diminuem US\$4403



milhões. Se o objetivo dos Estados Unidos for reduzir o seu défice comercial, a medida é claramente vantajosa.

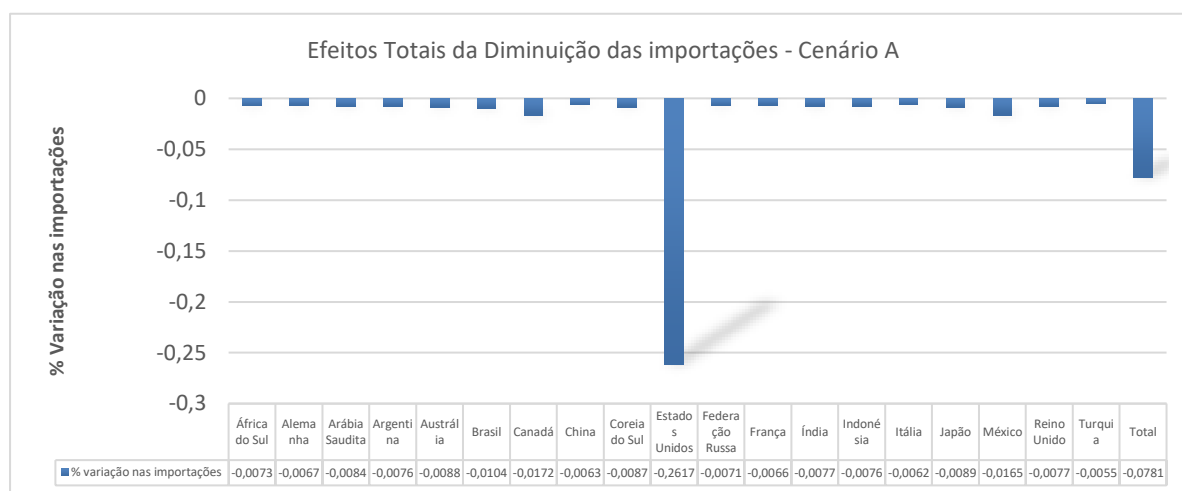


Gráfico 3. Efeitos Totais da Diminuição das importações - Cenário A

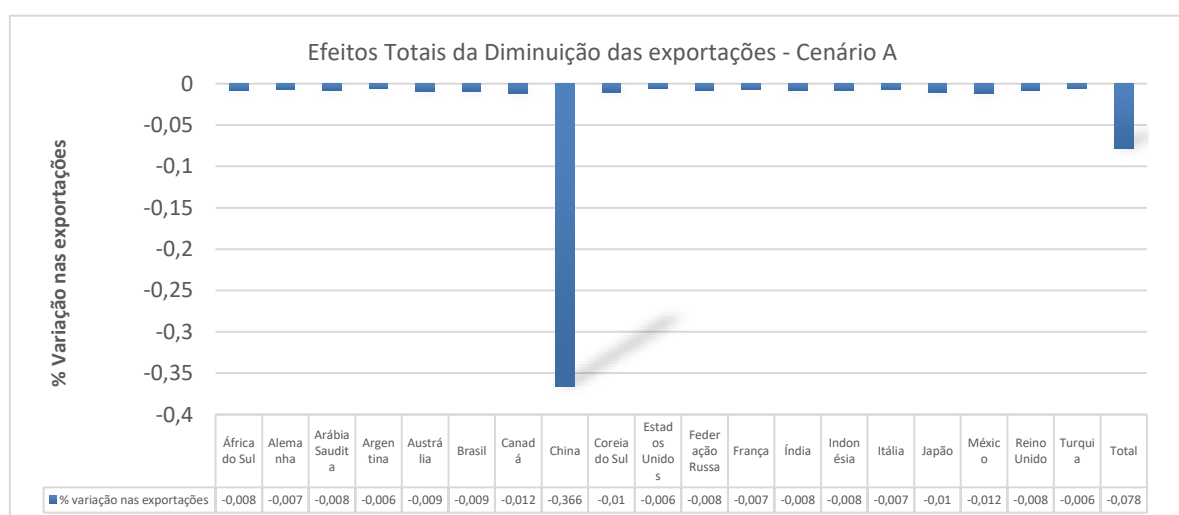


Gráfico 4. Efeitos Totais da Diminuição das exportações - Cenário A

Como é de esperar, estes resultados alteram-se significativamente quando levamos em conta o cenário B (gráficos 5 e 6). Verifica-se que as sanções dos Estados Unidos contra a China no montante de US\$4303 milhões fariam reduzir as suas importações totais numa percentagem sensivelmente igual (0,27%), mas afetariam também as suas exportações totais em -0,41% (contra -0,06 no cenário A). No caso da China, as suas exportações totais seriam afetadas nos mesmos -0,37%

e passaria a importar menos -0,54%. Ou seja, quando comparada com os Estados Unidos, a China seria claramente menos afetada em matéria de quebra nas exportações (-0,37 contra -0,41%) e beneficiaria mais com a redução das importações (-0,55% contra -0,27%). Neste sentido, pode dizer-se que a retaliação às tarifas impostas pelos Estados Unidos é claramente favorável à China.

De novo, os outros países do grupo também seriam afetados pela via dos efeitos indiretos. Os mais afetados em termos de perda de exportações e de importações seriam novamente o Canadá e o México (-0,02% cada no caso das exportações e -0,03 no caso das importações), eventualmente pela razão apontada anteriormente. Os países mais afetados em termos de exportações a seguir a estes, seriam o Japão e a Coreia do Sul (ambos com diminuição de 0,02%). Sendo que tanto o Japão como a Coreia do Sul têm a China e os Estados Unidos como seus maiores parceiros comerciais.

Voltando ao valor inicial de US\$4303 milhões, a quebra total das exportações da China para os Estados Unidos ascende, no cenário B, a US\$4324 milhões (contra US\$4313 no cenário A) e para os parceiros do G20 a US\$4478 milhões (contra US\$4390 milhões no cenário A). Por sua vez, as exportações intra-G20 diminuem US\$9596 milhões (contra US\$4789 milhões no cenário A). Neste cenário, os Estados Unidos acabam por perder cerca de US\$4429 milhões de exportações para os parceiros do G20 (US\$62,7 milhões no cenário A), ao mesmo tempo que as suas importações com origem no G20 diminuem US\$4502 milhões (US\$4403 milhões no cenário A). Se o objetivo dos Estados Unidos for reduzir o seu défice comercial, a medida é claramente marginal em contexto de retaliação por parte da China.

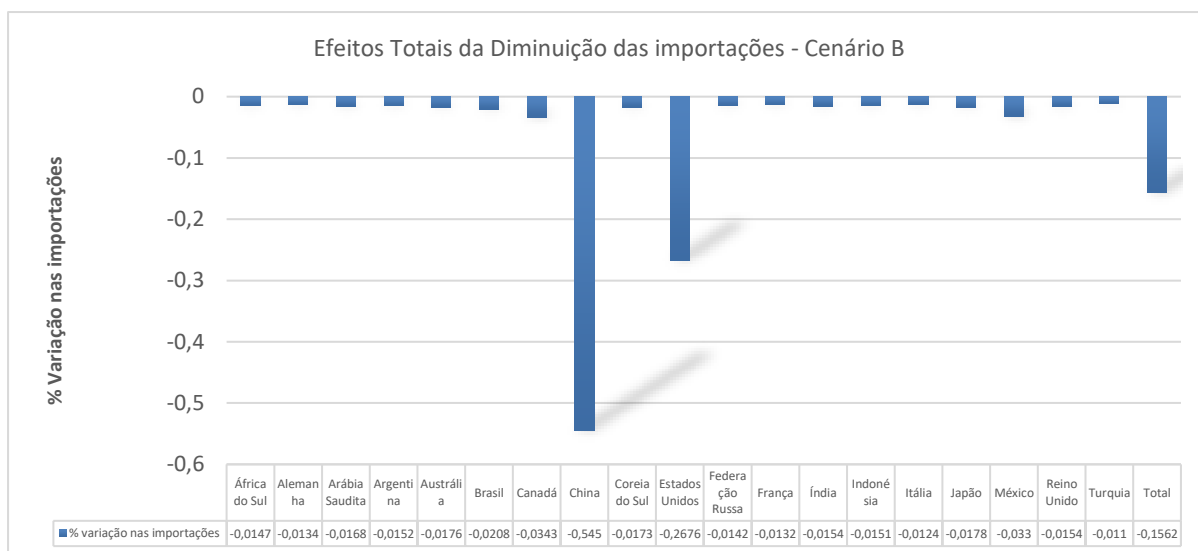


Gráfico 5. Efeitos Totais da Diminuição das importações - Cenário B

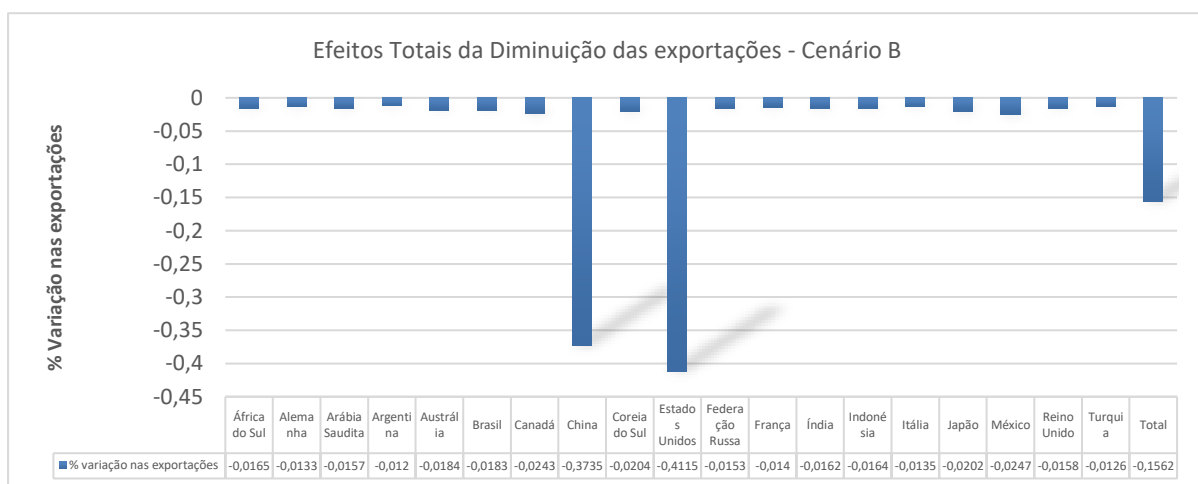


Gráfico 6. Efeitos Totais da Diminuição das exportações - Cenário B

#### 4. Conclusão

Este trabalho teve um duplo objetivo. Por um lado, pretendeu-se mostrar que a guerra comercial desencadeada pelo governo americano contra a China pode ter uma leitura na dicotomia teórica entre a corrente neorrealista e a corrente liberal das relações internacionais. Por outro lado, pretendemos avaliar os potenciais impactos daquela guerra sobre países terceiros, por via dos efeitos diretos e indiretos ligados ao comércio internacional, tendo como objeto de estudo o comércio intra-G20.

Concluimos que a posição da presidência de Donald Trump em relação à generalidade dos parceiros comerciais e à China em particular foi caracterizada pelo protecionismo e pela guerra comercial, com preferência pelas negociações bilaterais em vez de acordos multilaterais. Esta posição encaixa-se numa perspetiva neorrealista ofensiva das relações internacionais com o objetivo de manter o poder num contexto de ameaça pela ascensão económica da China, e pode ser vista como uma atitude mercantilista na medida em que percebe as relações internacionais como um jogo de soma zero. O conflito económico entre os Estados Unidos e a China revelou uma perceção por parte da administração americana de vulnerabilidades perante a China, particularmente no défice comercial.

A questão que naturalmente surge é a de saber quem ganha e quem perde com o conflito e, em particular, se os Estados Unidos têm de facto a ganhar com a guerra comercial contra a China, nomeadamente ao nível do seu saldo comercial tradicionalmente negativo. Os resultados que obtivemos da nossa análise empírica mostram que num cenário sem retaliação por parte da China os ganhos de uma guerra comercial são evidentes para os Estados Unidos e as perdas são sobretudo para a China. Contudo, não é plausível, como a realidade demonstrou, que a China não reaja. Os nossos resultados mostram que, num cenário com retaliação, a China

tem poder suficiente para, utilizando exatamente os mesmos instrumentos (direitos aduaneiros), neutralizar os ganhos dos Estados Unidos em caso de guerra comercial.

Contudo, dada a importância de ambos no palco internacional, uma guerra comercial entre os dois países não pode deixar de influenciar também os seus parceiros. A nossa análise centrou-se no caso particular do G20 e os resultados que obtivemos vão no sentido de afirmar que efetivamente outros parceiros serão também afetados pela via das interdependências comerciais e dos efeitos indiretos. No que diz respeito a países terceiros parceiros comerciais da China e dos Estados Unidos no G20, concluímos que seriam o Canadá e o México os mais afetados em matéria de exportações.

A análise empírica que efetuámos tem, contudo, algumas limitações que também poderão constituir pistas para investigações futuras, das quais destacamos duas. Por um lado, trabalhámos apenas com os países do G20, o que se torna redutor num mundo de interdependências generalizadas. Por outro lado, as interdependências comerciais, sobretudo ao nível dos efeitos indiretos, acontecem sobretudo no âmbito das cadeias globais de valor. Ao trabalharmos com dados agregados do comércio certamente obtivemos resultados que subestimam os efeitos sobre terceiros decorrentes de uma guerra comercial entre os Estados Unidos e a China.

Por último, gostaríamos de notar que não levámos em conta no nosso estudo empírico o facto de os Estados Unidos terem aumentado as tarifas para os restantes países, nem da China ter diminuído as tarifas para o resto do mundo de 8% para 6,7% (Bown, 2021). À partida, o protecionismo só se revelaria benéfico se o país que impõe a tarifa não dependesse do alvo e se o alvo não tivesse economias alternativas com as quais comercializar. Além disso, dado que o sistema internacional foi

construído numa base de liberalismo económico e multilateralismo, qualquer imposição desmedida de barreiras comerciais irá causar perdas para todos os envolvidos.

## Bibliografia

- AKAMATSU, K (1961). "A Theory of Unbalanced Growth in the World". *Weltwirtschaftliches Archiv*, 82 (2), pp. 196-217.
- ALLISON, Graham (2015); „The Thucydides Trap: Are the U.S. and China Headed for War?“ The Atlantic.
- BABBIT, E.F. (2019). Will the Trump Administration Change International Diplomacy? *Negotiation Journal*, 35(1), pp.117–119.
- BALDWIN, David A. (1980); "Interdependence and Power: a conceptual analysis", *International Organization*, 34 (04), 471-506.
- BARBIERI, Katherine (1996); "Economic Interdependence: A path to Peace or a Source of Interstate Conflict?", *Journal of Peace Research*, Vol. 33, Issue 1, 29-49
- BBC (2019, August 1); "Trump's former top advisor: tariffs backfiring on US".
- BENSON, B; NIOU, E. (2007) Economic Interdependence, Dependence, and Peace: A Game Theoretic Analysis. *Journal of East Asian Studies*, pp.35-59
- BENDINI, Roberto (2016); "IN-DEPTH ANALYSIS United States - China relations: a complex balance between cooperation and confrontation". Directorate-General for External Policies. Policy Department: European Parliament.
- BIN (2003); Absolute gains, relative gains, and US security policy on China. *Defense & Security Analysis*, 19(4).
- BLANCHARD, Jean-Marc F.; RIPSAN, Norrin (2007); "Measuring Economic Interdependence: a geopolitical perspective", *Geopolitics and International Boundaries*, (3), 225-246
- BLOOMBERG VIEW (2018, April 6); "US Needs China More Than China Needs the US". *The Economy*.
- BOWEN, Bladdyn E. (2010); A Cold War without Nuclear Weapons
- BOWN, Chad P. (2021); "The US-China Trade War and Phase One Agreement". Peterson Institute for International Economics
- BRADDON, Derek (2012); "The Role of Economic Interdependence in the Origins and Resolution of Conflict", *Revue d'Économie Politique*, 2, vol 122, 299-319
- BROWN, C. AINLEY, K. (2012); *compreender as Relações Internacionais*. Gradiva.
- COLBACK (2020, February 28); "How to navigate the US-China trade war Global supply chains are at risk as the world's two biggest economies threaten to decouple". *Financial Times*.
- COPELAND, Dale C. (1996); "Economic Interdependence and War: A Theory of Trade Expectations", *International Security*, vol. 20, n.º 4, Spring, 5-41
- COSTA, Ana Nicolaci, (2019); – How damaging is the Huawei row for the US and China
- COULTER, Steph (2020); "Offensively Realist? Evaluating Trump's Economic Policy Towards China." *E-International Relations*.
- DANIELS, Jeff (2016, September 13); "US Files Trade Complaint over China's 'Excessive' Ag Subsidies". CNBC.
- DREZNER, D.W. (2019); Present at the Destruction: The Trump Administration and the Foreign Policy Bureaucracy. *The Journal of Politics*, 81(2), pp.723–730.
- DUVALL, Raymond D. (1978); "Dependence and Dependency Theory: Notes Toward Precision of Concept and Argument, vol. 32, n.º1, Winter, 51-78
- DW (2020, December 7); "China's exports soar amid post-pandemic rebound".
- FASSIHI, Farnaz & MYERS, Steven Lee (2021, March 27 & 29); "China with \$400 Billion Iran Deal, Could Deepen Influence in Mideast" *The New York Times*.
- FOREIGN POLICY, (2017); *Foreign Policy in the Trump Administration*.
- GASIOROWSKI, M. J. (1986); Economic Interdependence and International Conflict: Some Cross-National Evidence", *International Studies Quarterly*, 30 (1), 23 - 38
- HAMLIN (2021, April 12); American Rescue Plan: US stimulus seen widening trade deficit that sparked Trump's trade war with China. *China macro Economy*-
- HAMMOND, Andrew (2018, March 27); With US trade war brewing, China perceptions changing. *The Business Times*.
- HIGGINS, Matthew; KLITGAARD, Thomas and NATTINGER, Michael. Federal Reserve Bank of New York
- KEOHANE, ROBERT O. (1975); "International Organization and the Crisis of Interdependence", *International Organization*, 29, n.º 2, April, 357-365
- KEOHANE, ROBERT O.; NYE, Joseph S. (1977); *Power & Interdependence*, Longman Classics in Political Science, 4th edition
- KRIST, William (2013); "Theory Globalization and America's Trade Agreements", (Chapter 3) "Trade Agreements and Economic" Woodrow Wilson Center Press with John Hopkins University Press.
- LASSWELL, H.D. and KAPLAN, A. (1951); *Power and Society: A Framework for Political Inquiry*. *American Sociological Review*, 16(1), p.118.
- LAU, Lawrence, J. (2019); "The China–US Trade War and Future Economic Relations: China and the World: Ancient and Modern Silk Road. 2(2), 1-32.
- LIM, Steven; FENG, Gary. (2005); "Dynamic Comparative Advantage: Implications for China," *Review of Applied Economics*, Lincoln University, Department of Financial and Business Systems. 1(2), 1-16.
- LOCKHART, Anne Bruce (2017, June 26); "China's \$900 billion New Silk Road. What you need to know". *World Economic Forum*.
- MEARSHEIMER, J. (2001); *The Tragedy of Great Power Politics*. Norton and Company: NY
- MEARSHEIMER (2015, March 29); Mearsheimer's War With China. The provocative political scientist foresees tense relations between the U.S. and China. *The Diplomat*.
- MELTZER, Joshua P. (2019, February 28); "Developing a mutually beneficial US-China economic relationship": *Brookings*.
- MELTZER Joshua P. & SHENAI Neena (2019, February 28); "The US-China economic relationship: A comprehensive approach": *Brookings*.
- MCDONALD, P. J. (2004); "Peace through Trade of Free Trade?", *Journal of Conflict Resolution*, 48, 547 - 572.
- MUHAMMAD, Syed Sabir (2020); "Trump's False 'Realism'". *International Bulletin of political Psychology*, 20(1).
- NICITA, Alessandro (2019); "Trade and Trade Diversion effects of United States tariffs on China", *UNCTAD Research Paper* (37).
- NYE, Joseph (2020, February 4); "For the us and china, interdependence is a double-edged sword: Economic exchange can produce welfare gains, but it can also be used as a weapon". *Financial Times*.
- POLACHEK, S. (1980); *Conflict and Trade*. *Journal of Conflict Resolution*.
- PONCIANO, Jonathan (2021, May 28); "Trade War: Biden Administration Not Ready To 'Yank' China Tariffs, But Open To Talks". *Forbes*.

- POPESCU, I. (2018); Conservative Internationalism and the Trump Administration? *Orbis*, 62(1), pp.91–104.
- SAARELA, Anna (2017); Transformation of china and global economic interdependence European parliament. Directorate-General for External Policies. Policy Department: European Parliament.
- SEKIYAMA, Takashi (2019); “Why is Economic Interdependence Unable to Halt the US-China Conflict?” Conference: SPF China Observer: A new U.S.-China Cold War? A look at China’s true intentions At: Tokyo, Japan
- SHIFRINSON, Joshua & WERTHEIM, Stephen (2021, September 9); “Biden the Realist: The President’s Foreign Policy Doctrine Has Been Hiding in Plain Sight”. *Foreign Affairs*.
- SINKONNEN (2018, November); “Contextualizing The “Trump Doctrine”: Realism, Transactionalism and the Civilizational Agenda”. FIIA: Finnish Institute of International Affairs.
- SMITH, Adam (1776); “An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations”. Digital Edition 2007, Metalibri.
- TURAK (2021, January 20); “China will be the biggest geopolitical challenge for Biden this year, Dan Yergin says”. CNBC.
- WALT, Stephen M. (2018, May 30); “Foreign policy The World Wants You to Think Like a Realist”. FP.
- WALTZ, K. (1979); *Theory of International Politics*, London: Addison Wesley
- ZAKHEIM, Dov S. (2017, March 17). “Is Donald Trump a Realist?” *The National Interest*.



ISABEL JARDIM - INTERDEPENDÊNCIA ECONÔMICA E CONFLITO - RELAÇÃO ENTRE PODER ECONÔMICO E POLÍTICO

Anexos

Anexo I - Cálculos efetuados para o ano 2000

Maniz Original - Maniz das tocas comerciais irrazoada (2000)

Table with 20 columns representing countries (Alcica do Sul, Alemanha, Arábia Saudita, Argentina, Austrália, Brasil, Canadá, China, Coreia do Sul, Estados Unidos, Federação Russa, França, Índia, Indonésia, Itália, Japão, México, Reino Unido, Turquia) and 20 rows of numerical data.

Maniz A - Maniz dos pesos das tocas comerciais irrazoada (2000) - Efeitos diretos

Table with 20 columns representing countries and 20 rows of numerical data, similar to the first table but representing direct effects.

Maniz B (A)1 - Maniz das tocas comerciais irrazoada (2000) - Efeitos indiretos

Table with 20 columns representing countries and 20 rows of numerical data, representing indirect effects.

Maniz (A)1

Table with 20 columns representing countries and 20 rows of numerical data, representing the sum of direct and indirect effects.

Maniz B (A)1 - Maniz dos efeitos diretos e indiretos

Table with 20 columns representing countries and 20 rows of numerical data, representing the sum of direct and indirect effects.

Esporações - Efeitos diretos e indiretos / Efeitos diretos

Table with 20 columns representing countries and 20 rows of numerical data, representing direct and indirect effects of exports.

Importações - Efeitos diretos e indiretos / Efeitos diretos

Table with 20 columns representing countries and 20 rows of numerical data, representing direct and indirect effects of imports.







## Anexo IV – Resultados dos indicadores de interdependência

Exportações	Efeitos diretos			Efeitos diretos + indiretos			Efeitos indiretos		
	2000	2017	2019	2000	2017	2019	2000	2017	2019
África do Sul	0.004943	0.00656	0.006553	0.00550239	0.00733213	0.007327928	0.000559056	0.0007726	0.000774993
Alemanha	0.110157	0.112514	0.108947	0.121426263	0.12316265	0.119641463	0.011269254	0.0106482	0.010694011
Árabia Saudita	0.000788	0.002896	0.003232	0.000883183	0.003220635	0.003626064	9.47568E-05	0.0003246	0.000394426
Argentina	0.006175	0.004971	0.005248	0.006682843	0.005396077	0.005718655	0.000507913	0.0004247	0.000470597
Austrália	0.015529	0.028605	0.031281	0.017284171	0.032355563	0.035854036	0.001754724	0.0037507	0.004573185
Brasil	0.014683	0.022306	0.022447	0.016585336	0.025223082	0.025820882	0.001902415	0.002917	0.003373693
Canadá	0.107376	0.063143	0.063331	0.132351951	0.074085153	0.074182095	0.024975511	0.010942	0.010850926
China	0.060038	0.195197	0.197848	0.068940345	0.215449965	0.2172349	0.008901945	0.0202528	0.019386627
Coreia do Sul	0.04424	0.056361	0.050816	0.050463378	0.064559057	0.058498907	0.006223455	0.0081981	0.007682532
Estados Unidos	0.225257	0.175215	0.174755	0.246813947	0.189786791	0.188579543	0.021557319	0.0145718	0.013824593
Federação Russa	0.016833	0.026964	0.030299	0.018465974	0.029915956	0.033753792	0.00163254	0.0029521	0.00345494
França	0.061961	0.04396	0.044149	0.068878178	0.048353942	0.048671572	0.006916839	0.0043935	0.004522372
Índia	0.009235	0.020969	0.02241	0.010565533	0.023386713	0.025114855	0.001330907	0.0024178	0.002705135
Indonésia	0.015816	0.015993	0.014842	0.017835287	0.017866137	0.016711846	0.002019047	0.0018734	0.001870129
Itália	0.054467	0.043426	0.042858	0.060584502	0.047622447	0.047029766	0.006117486	0.0041962	0.00417199
Japão	0.118811	0.07223	0.069022	0.137043469	0.082640884	0.079029916	0.018232741	0.0104105	0.010008171
México	0.063374	0.061167	0.06283	0.078438887	0.071956084	0.073927392	0.015065202	0.0107891	0.011097052
Reino Unido	0.063983	0.037446	0.038149	0.072195853	0.0416798	0.042823198	0.008212545	0.004234	0.004674371
Turquia	0.006332	0.010076	0.010983	0.00707374	0.010985207	0.011915653	0.000741574	0.0009092	0.000932724
Total	1	1	1	1.138015229	1.114978272	1.115462465	0.138015229	0.1149783	0.115462465

Importações	Efeitos diretos			Efeitos diretos + indiretos			Efeitos indiretos		
	2000	2017	2019	2000	2017	2019	2000	2017	2019
África do Sul	0.006584	0.008225	0.007935	0.007411579	0.009087617	0.008801491	0.000827843	0.0008622	0.000866669
Alemanha	0.083723	0.067675	0.067843	0.092613141	0.074130737	0.07453823	0.008890638	0.0064557	0.006695504
Árabia Saudita	0.009333	0.013358	0.012885	0.01068627	0.014960663	0.014422422	0.001353223	0.0016026	0.001537505
Argentina	0.006985	0.007802	0.005145	0.007899741	0.008650954	0.005781492	0.000914459	0.0008487	0.000636561
Austrália	0.016765	0.022422	0.020158	0.019412891	0.025237353	0.022935297	0.002647684	0.0028151	0.002777323
Brasil	0.016469	0.019447	0.021012	0.019272325	0.022330724	0.024200645	0.002803177	0.0028835	0.003188763
Canadá	0.086208	0.061092	0.061297	0.113411163	0.07605284	0.07613313	0.027203534	0.0149606	0.01483612
China	0.039895	0.131582	0.135054	0.044466152	0.143367281	0.145617499	0.004571303	0.0117849	0.010563329
Coreia do Sul	0.038561	0.048413	0.047697	0.044499058	0.054393011	0.053892387	0.005938317	0.0059799	0.006195504
Estados Unidos	0.334341	0.273923	0.274299	0.361869066	0.297006398	0.297184519	0.02752847	0.0230829	0.022885846
Federação Russa	0.007766	0.019931	0.020222	0.008530303	0.021954718	0.022279316	0.000764557	0.0020241	0.002056842
França	0.06707	0.049034	0.049144	0.074557685	0.053668197	0.053937481	0.007487771	0.0046345	0.004793126
Índia	0.008749	0.032467	0.032778	0.00972044	0.036029887	0.036742097	0.000971225	0.0035633	0.003964568
Indonésia	0.008998	0.01401	0.015111	0.009875976	0.015523216	0.016843217	0.000877915	0.0015133	0.001732186
Itália	0.04914	0.036252	0.036589	0.054025881	0.039455259	0.040033435	0.00488548	0.0032035	0.003444207
Japão	0.079988	0.059801	0.060425	0.092034649	0.067400477	0.068206979	0.012046187	0.0075995	0.007781821
México	0.053964	0.056166	0.056807	0.070925057	0.069384239	0.070172782	0.016960611	0.0132181	0.013366122
Reino Unido	0.073349	0.056878	0.058119	0.083453738	0.063134717	0.064774929	0.010104653	0.0062566	0.006656103
Turquia	0.012112	0.021521	0.017481	0.013350115	0.023209984	0.018965119	0.001238181	0.0016892	0.001484365
Total	1	1	1	1.138015229	1.114978272	1.115462465	0.138015229	0.1149783	0.115462465



Anexo V – Matriz

País	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	Total
<b>América do Sul</b>																					
Brasil	433965000	0	190032442	5391626	3366628	402206121	20700650	33589221	59433392	564200104	37140563	10470666	832237581	103547070	140397163	226139362	105710396	1250444332			
Argentina	14132431	0	342573202	71075755	90133451	40759373	33622341	867225941	194542850	66271300	66271300	66271300	66271300	66271300	66271300	66271300	66271300	66271300	66271300	66271300	66271300
Chile	0	760374974	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Colômbia	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Costa Rica	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Equador	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Peru	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Venezuela	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<b>América Latina</b>																					
Brasil	433965000	0	190032442	5391626	3366628	402206121	20700650	33589221	59433392	564200104	37140563	10470666	832237581	103547070	140397163	226139362	105710396	1250444332			
Argentina	14132431	0	342573202	71075755	90133451	40759373	33622341	867225941	194542850	66271300	66271300	66271300	66271300	66271300	66271300	66271300	66271300	66271300	66271300	66271300	66271300
Chile	0	760374974	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Colômbia	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Costa Rica	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Equador	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Peru	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Venezuela	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<b>Europa</b>																					
Portugal	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Itália	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Países Baixos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Polónia	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Reino Unido	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<b>África do Sul</b>																					
África do Sul	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Dados em dólares americanos

Dados recolhidos de UN Comtrade

ANEXO VI: - Efeitos totais da diminuição das exportações de A para B (são os efeitos diretos + os efeitos indiretos - os valores da diagonal na matriz não têm significado econômico) Cenário A + Cenário B (Ano 2017)

Origem/Destino	África do Sul	Almanha	Alemanha	Arábia Saudita	Argentina	Austrália	Brasil	Canadá	China	Coreia do Sul	Estados Unidos	Federação Russa	França	Índia	Indonésia	Itália	Japão	México	Países Baixos	Turquia	Total	% variação nas exportações		
África do Sul	-3305,0762	-4787,9561	-3275,6558	-3224,4485	-724,4652	-2895,038	-3211,0774	-2088,3714	-7246,4362	-6840,8867	-4873,2639	-4873,2639	-4873,2639	-4873,2639	-4873,2639	-4873,2639	-4873,2639	-4873,2639	-4873,2639	-4873,2639	-4873,2639	-3324,950	-0,0028304	
Almanha	-3618,8885	-4106,035	-7045,9877	-3294,6468	-1467,1418	-1075,7582	-5044,325	-5044,325	-4016,855	-8880,6584	-8700,3285	-8700,3285	-8700,3285	-8700,3285	-8700,3285	-8700,3285	-8700,3285	-8700,3285	-8700,3285	-8700,3285	-8700,3285	-8700,3285	-4632,067	-0,0083048
Alemanha	-4622,0261	-8750,2945	-2280,9584	-1465,6586	-3387,2273	-3443,3638	-6473,9473	-3617,7707	-8073,9473	-3880,3971	-3880,3971	-3880,3971	-3880,3971	-3880,3971	-3880,3971	-3880,3971	-3880,3971	-3880,3971	-3880,3971	-3880,3971	-3880,3971	-3880,3971	-1386,672	-0,0078946
Arábia Saudita	-1832,0261	-2781,9678	-3063,8911	-4485,6844	-8073,9473	-4485,6844	-8073,9473	-4485,6844	-8073,9473	-4485,6844	-4485,6844	-4485,6844	-4485,6844	-4485,6844	-4485,6844	-4485,6844	-4485,6844	-4485,6844	-4485,6844	-4485,6844	-4485,6844	-4485,6844	-1827,637	-0,0069882
Argentina	-6846,8424	-9732,381	-2342,2505	-4875,1461	-5302,2261	-8332,2751	-6335,2751	-4875,1461	-9732,381	-3208,5591	-3208,5591	-3208,5591	-3208,5591	-3208,5591	-3208,5591	-3208,5591	-3208,5591	-3208,5591	-3208,5591	-3208,5591	-3208,5591	-3208,5591	-640,072	-0,0088883
Austrália	-1746,0573	-7900,4652	-8946,055	-8232,7356	-5977,3238	-3384,1475	-32779,344	-32779,344	-7946,5591	-3208,5591	-3208,5591	-3208,5591	-3208,5591	-3208,5591	-3208,5591	-3208,5591	-3208,5591	-3208,5591	-3208,5591	-3208,5591	-3208,5591	-3208,5591	-4840,272	-0,0068824
Brasil	-2594,9853	-2406,9629	-6942,6352	-8068,3342	-1068,835	-4888,93	-1067,7625	-4888,93	-2237,2395	-4888,93	-4888,93	-4888,93	-4888,93	-4888,93	-4888,93	-4888,93	-4888,93	-4888,93	-4888,93	-4888,93	-4888,93	-4888,93	-4706,330	-0,0029088
Canadá	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4706,330	-0,0029088
China	-3582,9432	-8642,7362	-5464,2462	-5464,2462	-3852,2711	-6043,7211	-2446,3265	-3230,4236	-3294,7045	-4060,1233	-4060,1233	-4060,1233	-4060,1233	-4060,1233	-4060,1233	-4060,1233	-4060,1233	-4060,1233	-4060,1233	-4060,1233	-4060,1233	-4060,1233	-4304,4342	-0,3682467
Coreia do Sul	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-5229,641	-0,0086822
Estados Unidos	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-5229,641	-0,0086822
Federação Russa	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4500,9491	-4304,4342	-0,3682467
França	-1873,6456	-4059,6384	-3635,1438	-3635,1438	-4703,6185	-4703,6185	-4703,6185	-4703,6185	-4703,6185	-4703,6185	-4703,6185	-4703,6185	-4703,6185	-4703,6185	-4703,6185	-4703,6185	-4703,6185	-4703,6185	-4703,6185	-4703,6185	-4703,6185	-4703,6185	-686,538	-0,0076884
Índia	-7233,6202	-6073,6202	-6073,6202	-6073,6202	-6073,6202	-6073,6202	-6073,6202	-6073,6202	-6073,6202	-6073,6202	-6073,6202	-6073,6202	-6073,6202	-6073,6202	-6073,6202	-6073,6202	-6073,6202	-6073,6202	-6073,6202	-6073,6202	-6073,6202	-6073,6202	-1044,326	-0,0079185
Indonésia	-7233,6202	-6073,6202	-6073,6202	-6073,6202	-6073,6202	-6073,6202	-6073,6202	-6073,6202	-6073,6202	-6073,6202	-6073,6202	-6073,6202	-6073,6202	-6073,6202	-6073,6202	-6073,6202	-6073,6202	-6073,6202	-6073,6202	-6073,6202	-6073,6202	-6073,6202	-1044,326	-0,0079185
Itália	-1700,2701	-1838,8807	-2546,6883	-1073,8322	-3774,6889	-4026,9544	-3232,9391	-4026,9544	-1838,8807	-4026,9544	-4026,9544	-4026,9544	-4026,9544	-4026,9544	-4026,9544	-4026,9544	-4026,9544	-4026,9544	-4026,9544	-4026,9544	-4026,9544	-4026,9544	-686,538	-0,0076884
Japão	-3744,0533	-2735,0473	-6585,1325	-3397,2376	-1847,6732	-1847,6732	-3397,2376	-3397,2376	-2735,0473	-3397,2376	-3397,2376	-3397,2376	-3397,2376	-3397,2376	-3397,2376	-3397,2376	-3397,2376	-3397,2376	-3397,2376	-3397,2376	-3397,2376	-3397,2376	-686,538	-0,0076884
México	-2394,0262	-2739,0502	-4766,2002	-3883,3346	-1842,6835	-1842,6835	-3883,3346	-3883,3346	-2739,0502	-3883,3346	-3883,3346	-3883,3346	-3883,3346	-3883,3346	-3883,3346	-3883,3346	-3883,3346	-3883,3346	-3883,3346	-3883,3346	-3883,3346	-3883,3346	-686,538	-0,0076884
Países Baixos	-1672,6242	-4053,2924	-2058,943	-4234,6457	-4234,6457	-4234,6457	-4234,6457	-4234,6457	-4053,2924	-4234,6457	-4234,6457	-4234,6457	-4234,6457	-4234,6457	-4234,6457	-4234,6457	-4234,6457	-4234,6457	-4234,6457	-4234,6457	-4234,6457	-4234,6457	-1044,326	-0,0079185
Turquia	-3895,3844	-3024,1206	-5647,1797	-2462,2443	-8038,302	-6307,0886	-3862,2866	-4387,1655	-5647,1797	-6307,0886	-6307,0886	-6307,0886	-6307,0886	-6307,0886	-6307,0886	-6307,0886	-6307,0886	-6307,0886	-6307,0886	-6307,0886	-6307,0886	-6307,0886	-1044,326	-0,0079185
Total	-7702,63	-2789,612	-6880,244	-3520,438	-2048,201	-5248,417	-6437,9863	-5870,936	-9719,260	-4428,8180	-4428,8180	-4428,8180	-4428,8180	-4428,8180	-4428,8180	-4428,8180	-4428,8180	-4428,8180	-4428,8180	-4428,8180	-4428,8180	-4428,8180	-4780,05732	-0,079185
% variação nas importações	-0,0074265	-0,0086384	-0,0086383	-0,0072043	-0,0079562	-0,0087788	-0,0076842	-0,0086336	-0,0074687	-0,0086336	-0,0086336	-0,0086336	-0,0086336	-0,0086336	-0,0086336	-0,0086336	-0,0086336	-0,0086336	-0,0086336	-0,0086336	-0,0086336	-0,0086336	-0,079185	-0,079185